

## **Representações do Mariel nos textos e charges das revistas *Bohemia e Revolución y Cultura* (1980)**

Isabel Ibarra Cabrera<sup>1</sup>

Rickley L. Marques<sup>2</sup>

**RESUMO:** O presente artigo mostra as representações do *Mariel* a partir das relações entre os textos e as charges publicadas nas revistas cubanas *Bohemia e Revolución y Cultura*, durante a primavera de 1980. O aspecto irônico dos enunciados das charges será analisado por sua capacidade de provocar novas interpretações sobre a Revolução Cubana e, em específico, sobre o acontecimento *Mariel*. A análise das charges e dos textos também permitiu visualizar as tensões sociais e políticas de um contexto marcado pela censura, no qual se estimula o público leitor a compartilhar opiniões e a interagir com os estigmas criados pela imprensa cubana.

**PALAVRAS-CHAVE:** Revolução Cubana, representações Mariel, charges.

Representations of Mariel in texts and cartoons of reviews *Bohemia* and *Revolución y Cultura* (1980).

**ABSTRACT:** The present article showing the Mariel's representations based in the relations between the texts and the cartoons published in the reviews cubans *Bohemia e Revolución y Cultura*, during the spring of 1980. The aspect ironical of cartoons' enunciates will be analyzed by your capacity to provoke news interpretations about the Cuban' revolution and, in specific, about the event Mariel. The analyses of cartoon and texts allow also to visualize the tensions socials and politics in context distinguished by censure, in which if stimulate the public reader to partake opinions and the interact with the stigmas created by Cuban' press.

**KEYWORDS:** Cuban' revolution, Mariel representation, cartoons.

---

<sup>1</sup> Doutora em História pela Universidad Complutense de Madrid, ano 2000, atualmente professora da Faculdade de Educação/UFG, e-mail: isabelibarra555@hotmail.com.

<sup>2</sup> Doutor em História pela Universidade de Brasília, ano de 2009, e-mail: rickleymarques@hotmail.com.

## **Introdução**

O ano de 1980 foi um momento crucial na história contemporânea de Cuba, pois a partir desse momento torna-se visível, internacionalmente, que a Revolução Cubana de 1959 já não tinha o mesmo apoio popular na ilha de outrora. A revolução, que se tornara um exemplo de resistência nacionalista para a América Latina, passava desde então a enfrentar sua primeira crise popular interna. A proporção e a visibilidade dos acontecimentos de abril, maio e junho de 1980 fizeram transbordar o que era há muito encoberto, ou pelo menos evitado: uma parcela da sociedade cubana que apoiara as transformações econômico-sociais realizadas nos primeiros anos rompeu, de forma irreversível, naquele momento, com a Revolução Cubana iniciada em 1959, e com os seus dirigentes.

A crise abriu um novo precedente histórico, diferente daquela migração dos anos 1960, que foi vista e analisada como uma emigração político-ideológica. Os emigrados de 1960 saíram pouco depois da revolução e, em sua maioria, faziam parte da elite econômica cubana que não estava interessada em defender um futuro nacionalista e, menos ainda, socialista para a ilha. O debate sobre o conflito entre o governo revolucionário cubano e essa migração era formulado sob o prisma de uma elite reacionária que abandonara a sua pátria por não conseguir adaptar-se à nova ordem social estabelecida pela vanguarda revolucionária.

Não se pode dizer o mesmo acerca da migração de 1980, já que os descontentes que pretendiam deixar o país e colocavam-se na condição de dissidentes políticos eram, em sua ampla maioria, jovens que haviam formado sua consciência social e política durante a revolução, e pertenciam quase todos às camadas populares<sup>3</sup>. Ou seja, constituíam o grupo social que havia sido definido como o principal alvo da revolução de 1959. As duas levas de emigração tiveram motivações e personagens completamente distintos, o que inviabiliza, de saída, as tentativas de uma possível convergência explicativa entre elas.

A crise migratória cubana de 1980 iniciou-se de maneira aparentemente ingênua e, ao desdobrar-se, foi, passo a passo, tornando-se uma ameaça inesperada ao regime cubano. No dia primeiro de abril de 1980, seis cidadãos cubanos sequestram um ônibus coletivo e invadem a Embaixada do Peru, em Havana, com o intuito de pedir asilo político. Durante o incidente, um dos soldados cubanos que faziam a

---

<sup>3</sup> Ver estudo de Jorge I. Domínguez, 1998.

guarda da embaixada peruana foi morto pelos disparos de outro soldado, também responsável pela guarda – alguns testemunhos afirmam que, ao tentar disparar contra os invasores, o guarda assassinado foi surpreendido por outro soldado que o alvejou para impedir que ele disparasse contra civis desarmados.

Em outros relatos, esse incidente é considerado um acidente por “fogo amigo” (LARZELERE, 1988). Diante do impasse, três dias depois, o governo cubano retirou a guarda oficial e declarou que, a partir daquele momento, a Embaixada do Peru passaria a ser responsável por quaisquer eventualidades que pudessem ocorrer. Essa decisão foi transmitida pelas rádios cubanas (LA POSICIÓN de Cuba, Bohemia, 11/4/1980, p.50).

No entanto, a estratégia do governo cubano não surtiu os efeitos esperados, pois a Embaixada do Peru não cedeu às pressões. Sem a proteção da guarda oficial, em dois dias a embaixada foi tomada por mais de 10 mil cidadãos cubanos<sup>4</sup>, que também reivindicavam asilo político na qualidade de dissidentes do regime cubano. Após alguns dias, o governo cubano decidiu retomar a guarda da Embaixada do Peru e, inclusive, passou a erguer barricadas nas ruas próximas a ela, com o intuito de impedir que mais cidadãos cubanos pudessem entrar e pedir asilo político. A situação, que já era preocupante, tomou proporções alarmantes.

O líder cubano, Fidel Castro, passou a culpar a Agência Central de Inteligência (CIA) e o governo dos Estados Unidos da América (EUA) pela postura da embaixada peruana em Havana<sup>5</sup>, o que prejudicou a primeira tentativa de distensão que ocorrera na conturbada relação entre os dois países vizinhos, desde os anos de 1960<sup>6</sup>. As diplomacias cubana e norte-americana haviam iniciado um processo de reaproximação após a chegada do democrata Jimmy Carter à presidência dos Estados Unidos da América desde o mês de janeiro de 1977.

Como resultado dos primeiros intercâmbios, chegou a Havana um grupo de representantes da comunidade de cubanos no exílio e, então, se definiu um programa de reunificação entre familiares e foram postos em liberdade quase 3.000 presos políticos (FURIATI, 2001, p.252). Alguns autores como Pérez-Stable (1993) e Mesa-Lago (1994), dentre outros, apontam que, mesmo com as barreiras políticas existentes

---

<sup>4</sup> Ver Pérez Stable, M. 1993.

<sup>5</sup> Ver editoriais da revista *Bohemia* e do jornal *Granma* (meses de abril, maio e junho de 1980).

<sup>6</sup> Conforme Roberto González Gómez, a partir do ano de 1978 houve um retrocesso da política de distensão norte-americana com relação a Cuba. Segundo o autor, EUA acusam Cuba de ser um *proxy* da política expansionista soviética na África. Ver: GONZÁLEZ GÓMEZ (2003, p.167).

entre Cuba e os Estados Unidos da América (barreiras relativas à proximidade de Cuba com a ex-União Soviética, à intervenção de Cuba nas guerras em Angola e Etiópia, à situação dos direitos humanos e dos presos políticos, etc.), os anos que precederam o *Mariel* representam um intervalo em que muitos acreditavam num entendimento real entre os Estados Unidos da América e Cuba<sup>7</sup>. Além do mais, o governo cubano e Fidel Castro vivenciavam um excelente momento político com a participação de Cuba no Movimento de Países Não Alinhados (MPNA). Dessa forma, no ano de 1979 celebrou-se em Havana a VI Conferência dos Países Não Alinhados, com a participação de 96 membros; o presidente dessa Conferência foi o líder cubano, que, alguns anos antes, havia sido duramente contestado por seu alinhamento político com a ex-União Soviética.

### **As charges como recurso retórico complementar das reportagens jornalísticas sobre o Mariel nas revistas *Bohemia* e *Revolución y Cultura***

É óbvio afirmar que não existe liberdade de imprensa em Cuba. Em outras palavras, a imprensa cubana transmite a posição oficial do governo e do partido único. Neste artigo, analisaremos as ideias que circularam na imprensa cubana, em especial, nas revistas *Bohemia* e *Revolución y Cultura* sobre o *Mariel* em 1980, focalizando a inter-relação/complementariedade entre os textos e as charges.

A imprensa cubana na década de 1980 contou com dois veículos jornalísticos de massa, que são o jornal *Granma*, órgão oficial do Comitê Central do Partido Comunista de Cuba, fundado em 1961, e a tradicional revista semanal cubana *Bohemia*, fundada em 1908. A pesquisa nas revistas e jornais cubanos sobre o *Mariel* demonstrou que os editoriais do jornal *Granma* orientaram, na maioria das vezes, as informações e ilustrações gráficas contidas em algumas revistas cubanas, principalmente nas revistas *Bohemia* e *Revolución y Cultura*. Em outras palavras, parece existir uma circularidade dos conteúdos e das representações expressas sobre o *Mariel* na imprensa cubana no ano de 1980.

---

<sup>7</sup> Ainda que para Roberto González Gómez a política exterior norte-americana na Era Carter tenha-se caracterizado por ser “zigzagueante”, entre a distensão e o confronto, pela divisão entre os três principais assessores: Cyrus R. Vance (secretário de Estado), Harold Brown (secretário de defesa) e Zbigniew Brzezinski (assistente para seguridade nacional). Ver: GONZÁLEZ GÓMEZ (2003, p.155).

A proposta deste artigo se insere na busca de um novo olhar sobre as charges por ocasião da tematização do fenômeno *Mariel*. Segundo Melo (2003, p.167), a charge é “uma crítica de um fato ou acontecimento específico. Reprodução gráfica de uma notícia já conhecida pelo público, segundo a ótica do desenhista”. O que quer dizer que ela é um gênero opinativo que expressa a opinião do chargista; no entanto, pelo que observamos, as charges dos jornais cubanos não promulgam uma crítica à política cubana, até porque não existe liberdade de expressão para isso. Com efeito, a charge faz parte do processo de montagem do sistema de propaganda governamental. A posição do jornal *Granma* ou da revista *Bohemia* é a mesma que a do governo; portanto, as opiniões dos chargistas reforçavam, a partir da relação entre a linguagem visual e verbal, a posição governamental.

Dois chargistas se destacaram pela formulação e quantidade de imagens produzidas sobre o fenômeno *Mariel*. O primeiro, René de la Nuez, do jornal *Granma*, cujas charges também foram publicadas na revista *Revolución y Cultura*, e o segundo, Tico, que produzia charges para a revista *Bohemia*. Assim, nos propomos a trabalhar esses dois chargistas cubanos com o objetivo de analisar a leitura que eles ofereceram sobre o desenrolar dos acontecimentos de abril, maio e junho de 1980, em Cuba, durante a saída de milhares de cubanos pelo porto do *Mariel*. De fato, a produção/circulação da charge está inserida num contexto sócio-histórico. A esse respeito, Ney (1998, p.71-72) nos alerta que: “Para ser decodificada, a charge necessita manter uma relação estreita com o cotidiano e universo cultural do leitor”. Certamente que as charges mostram essa relação com os leitores cubanos da década de 1980, mas, para outros leitores que não conhecem o fato, faz-se necessário explicar o universo histórico-social do *Mariel*.

Dessa forma, o levantamento deve abranger informações sobre a Revolução Cubana e a posição do governo cubano ante o acontecimento *Mariel*, evidenciando as relações existentes entre o panorama político e os meios de comunicação. Nesse sentido, algumas questões devem ser observadas: quais são os sentidos possíveis dessas imagens? Que representações as imagens constroem? E, por último, lembrando a Chartier (1990, p.16-17), de que maneira o fenômeno *Mariel* “foi mostrado, dado a ler”, tanto pelo texto como pelas charges das reportagens jornalísticas?

É interessante notar que a análise das charges e das notícias que foram veiculadas na imprensa cubana sobre o *Mariel* são representações sujeitas a novas interpretações. Nesse sentido, Orlandi (2001, p.18) aponta que “o gesto da

interpretação se dá porque o espaço simbólico é marcado pela incompletude e pela relação com o silêncio. A interpretação é o vestígio do possível. É o lugar próprio da ideologia e é materializada pela história”. Dessa forma, as charges e os textos como gêneros opinativos indicam o viés ideológico da imprensa cubana, sua relação com o contexto e também com o silêncio e os “não ditos”.

Em todos os exemplos que escolhemos, os traços de humor e ironia foram utilizados pelos chargistas como forma de expressar a identidade nacional. Assim, a identidade cubana se reafirma frente o outro, constituindo-se como uma forma de resistência frente o estrangeiro, neste caso, contra a política norte-americana. Nas charges o “nós” é representado pela figura do miliciano ou revolucionário e, em oposição, aparece o “outro/eles” representado pela figura de Carter. Mas, também é interessante notar que, além da oposição “nós/eles”, nas charges aparecem representados os dissidentes cubanos que saíram pelo porto do *Mariel* em 1980. Em todas as charges, os dissidentes foram mostrados como “ratos, vermes, escória, antissociais, lumpen, criminosos”. Ou seja, eles visivelmente foram excluídos do projeto identitário nacional.

Dentre as primeiras notícias que a imprensa cubana transmitiu em abril de 1980, uma, em particular, nos interessou: aquela que mostrou que Cuba não estava sozinha e que existia uma solidariedade internacional com a Revolução Cubana. Dessa maneira, a imprensa cubana era a encarregada de divulgar o apoio internacional ao povo cubano, como elucida a matéria da revista *Bohemia*, em 18 de abril de 1980: “Parecia como si todas las voces se hubieran hecho una sola. Cuba no estaba sola” (RESPALDO mundial a Cuba, p.70). A charge que se segue publicada na revista *Bohemia* nos permite observar alguns estereótipos que vão ser reproduzidos em várias outras charges; de um lado, está visível um miliciano ou revolucionário que representa o povo de Cuba, com o seu uniforme, boné e botas, sendo que a ilha está representada, pela palma e pelo sol. O miliciano tem, na sua mão direita, um alto-falante informando o apoio da esquerda peruana a Cuba, e a mão esquerda está levantada com o punho fechado. Os chargistas Tico e Nuez exploram a ideia de identificação entre o povo e o líder carismático que, mesmo não aparecendo, está representado, barbudo e uniformizado, como aparecia publicamente em seus discursos desde 1959 até a década de 1990. E de outro lado, separados pelo mar, estão o Presidente dos Estados Unidos da América, Jimmy Carter, tampando os ouvidos e,

por trás dele, escondendo-se, o Presidente do Peru. De forma dissimulada, ao redor deles, encontram-se ratos e vermes, representando os exilados cubanos de Miami.

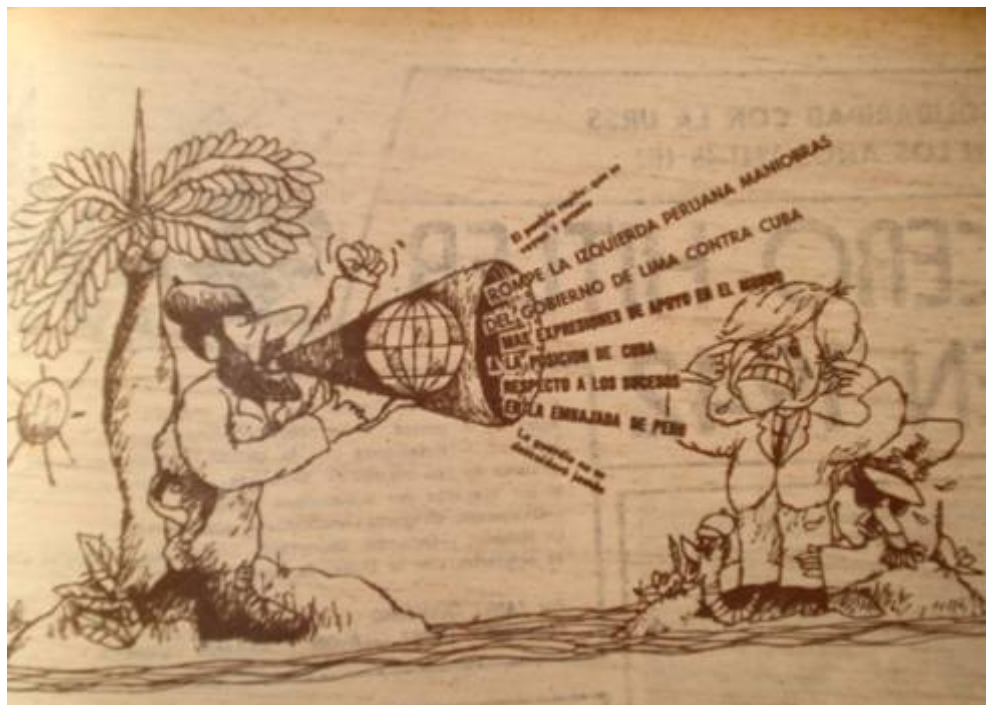


Ilustração 01- Extraída da revista Bohemia, La Habana, año 72, no.16, 18 de abril de 1980, p.61.

Ainda no mês de abril, os ministros das Relações Exteriores do Pacto Andino, numa reunião de emergência no Peru, trataram do problema dos refugiados e pediram ajuda de outros países para reassentá-los. O Presidente dos EUA, Jimmy Carter, anunciou que aceitaria receber três mil e quinhentos cubanos da Embaixada do Peru e ofereceu quatro milhões e duzentos e cinquenta mil dólares como ajuda aos refugiados (LARZELERE, 1988). O Presidente da Costa Rica, Rodrigo Carazo, aceitou receber provisoriamente os refugiados. Entretanto, após dois dias de voos a São José, o governo cubano suspendeu novas saídas.

Um dia após as manifestações de mais de um milhão de pessoas em Havana em apoio ao regime, Napoleón Vilaboa, um veterano combatente “anticastrista de Playa Girón”<sup>8</sup>, organizou, no dia 19 de abril de 1980, uma frota de quarenta e duas

<sup>8</sup> Ver entrevista dada por Napoleón Vilaboa a Edgardo Menéndez, publicada no jornal cubano-americano *Réplica* (21/5/1980). Disponível em: <http://www.latinamericanstudies.org/dialogue/vilaboa-5-21-80.pdf>.

embarcações para, a partir de Miami, buscar compatriotas, amigos e familiares. Em meio ao impasse internacional, o governo cubano, inesperadamente, decidiu abrir o porto de *Mariel* no dia 22 de abril de 1980, para que os dissidentes cubanos de Miami pudessem buscar não somente os refugiados da Embaixada do Peru, mas todos os compatriotas dissidentes da revolução. A decisão do governo cubano surpreendeu a comunidade internacional, que já esperava um inevitável acirramento do conflito. Na revista *Bohemia*, de 2 de maio de 1980, o governo declarou: “la posición de Cuba es inobjetable: absoluta libertad de emigración” (A TRAVÉS del Mundo, p.56).

A estratégia do governo cubano foi vista como um gesto de tolerância e de controle da situação interna e, desta vez, alcançou os objetivos planejados, ou seja, agradou à comunidade internacional ao transferir a crise para os Estados Unidos da América, que passaram a receber milhares de dissidentes cubanos<sup>9</sup>.

Evidentemente, a postura do governo cubano não conseguiu convencer todos os observadores internacionais. Carmelo Mesa-Lago (1994, p.184), por exemplo, afirmou: “Castro, juiciosamente, les dejó salir y, en un par de ocasiones, abrió los puertos cubanos a un éxodo masivo”. E, concluiu: “A diferencia de Europa Oriental, esta política de puertas relativamente abiertas sirvió como válvula de seguridad para el descontento y atemperó los impulsos de sublevación”.

A ponderação de Carmelo Mesa-Lago mostra que, por um lado, o regime cubano passou a imagem de ser mais aberto que a maioria das repúblicas socialistas daquele momento, o que facilitou a aceitação da opinião pública internacional e, por outro lado, Fidel Castro aproveitou a saída do *Mariel* como válvula de escape para os descontentes e, ao mesmo tempo, como estratégia de controle interno e reforço da unidade da nação “frente a uma nova ameaça do imperialismo”.

No mês de maio de 1980, vinte e dois países e sete organizações internacionais se reuniram na Costa Rica para tratar da questão dos refugiados cubanos na Embaixada do Peru e a crise do *Mariel*. Um artigo maliciosamente intitulado “¿Qué Carazo se trae Carazo?”, nas páginas 49 e 50 da revista *Bohemia*, investiu contra o Presidente da Costa Rica e questionou a reunião convocada por ele e realizada nesse país para decidir sobre os refugiados do *Mariel*. O artigo, que ocupou duas páginas da revista, conclui da seguinte maneira: “Aunque Cuba no participó de

---

<sup>9</sup> Para uma análise da chegada dos marielitos aos Estados Unidos da América e o processo de estigmatização que sofreram, ver: MARQUES, R. *A condição Mariel: memórias subterrâneas da experiência revolucionária cubana (1950-1990)*.



esa reunión, aquí van algunas ideas: ¿por qué Carazo no se ocupa de sus propios problemas, o mejor dicho de los problemas de su pueblo?”. A charge de Tico publicada na revista *Bohemia* que acompanha esse texto utiliza como recurso a ironia. No centro da mesa, encontra-se o peixe espinhoso com o título “escoria fish”, representando os dissidentes cubanos, o Presidente norte-americano Jimmy Carter está com as mãos ocupadas com garfo e faca proclamando que não imaginara que o peixe teria tantas espinhas, nas duas pontas da mesa estão o Presidente da Costa Rica, de um lado, disposto a repartir as “espinhas” e, de outro, o do Peru, afirmando que “agora não resta outra opção que não seja comer”; do lado esquerdo de Carter parece ser o ditador chileno Pinochet “pedindo pratos especiais” e do lado direito, um presidente não identificável, afirmando que tinha “ficado sem apetite”.



Ilustração 02- Extraída da revista *Bohemia*, La Habana, año 72, no. 21- 23 de maio de 1980, p.73.

As charges e as notícias do *Mariel* na imprensa cubana apontam como o governo cubano reagiu ante a decisão de alguns governos de receber os dissidentes. No editorial da revista *Bohemia* de 16 de maio de 1980, o Presidente da Costa Rica, Rodrigo Carazo, é acusado de ter o seu relógio funcionando segundo a hora de Washington. Em outra charge de Tico publicada na revista *Bohemia*, mostra-se novamente, de um lado, o miliciano uniformizado com fuzil, falando: “cachorro que

late aqui não morde”;

e, de outro lado, o Presidente Rodrigo Carazo como um cãozinho pouco ameaçador puxado pela coleira pelo Presidente norte-americano Jimmy Carter. Nessa charge também aparecem os dissidentes cubanos representados como ratos.



Ilustração 03- Extraída da revista Bohemia, La Habana, año 72, n. 20, 16 de maio de 1980, p.49

Entretanto, o governo dos Estados Unidos da América, ao perceber que teria de receber uma migração massiva, tentou impedi-la. Segundo a legislação norte-americana vigente na época, todo cidadão cubano que tocasse o solo dos EUA poderia pedir o visto permanente, o que não acontecia com nenhum imigrante de outra nacionalidade; pelo contrário, qualquer outro imigrante, sobretudo latino-americano, que pisasse solo norte-americano sem visto, seria certamente preso e deportado. O protecionismo aos dissidentes cubanos devia-se exclusivamente à Guerra Fria e à certeza de que poucos conseguiriam chegar aos Estados Unidos da América em razão das restrições impostas por Cuba à emigração. Até então, todo cubano que conseguia chegar à Flórida era saudado como um herói que chegava ao paraíso vindo do inferno; dava entrevista nos canais de comunicação americanos e era logo amparado por várias instituições.

No entanto, a comunidade cubana de Miami, impulsionada pela possibilidade de rever seus familiares e amigos, passou a patrocinar a travessia e, só no dia 25 de abril de 1980, cerca de 400 embarcações ancoraram no porto de *Maríel* para recolher

os refugiados. As embarcações saíram abarrotadas de cidadãos cubanos em direção aos Estados Unidos da América, mas não exatamente com as pessoas esperadas pela comunidade cubana de Miami. O governo cubano decidiu que a abertura do porto de *Mariel* serviria para a saída de todos os indesejáveis da Revolução Cubana. Para tanto, os supostos dissidentes deveriam apresentar-se aos postos determinados para conseguir o visto de saída de Cuba. Com essa medida, o governo cubano impediu que os exilados de Miami, que financiavam as travessias do estreito da Flórida, pudessem escolher quem levar. Dessa forma, não foram poucos os que receberam por diversas vezes as embarcações repletas de exilados cubanos, dos quais não tinham o menor conhecimento, e ao final não conseguiram recolher quem realmente buscavam (LARZELERE, 1988).

A revista *Bohemia* manteve, durante a crise, uma seção chamada *Notícias de Mariel* que relatava os acontecimentos naquele porto. Eis uma pequena nota dessa seção publicada em 25 de abril de 1980:

En la mañana del lunes salían del puerto del Mariel hacia Estados Unidos dos embarcaciones que, procedentes de la Florida, recogieron 48 elementos antisociales. Mientras tanto el departamento de estado yanqui hacia frenéticas declaraciones contra estos viajes a Cuba, amenazando con arrestar, confiscar, etc. Ahora empiezan a cosechar los frutos de su política de alentar las salidas ilegales de Cuba, incluido el secuestro de embarcaciones con sus tripulantes como rehenes. Ahora también se han convertido en nuestros guardafronteras. En dos palabras, le hemos retirado la custodia a la península de la Florida.

Como podemos notar nessa citação, o governo norte-americano tentou impedir o desembarque dos dissidentes, e o Presidente norte-americano, Jimmy Carter, declarou no dia 6 de maio de 1980 estado de emergência na Flórida. Pouco tempo depois, em 7 de junho do mesmo ano, a Casa Branca denunciou o governo cubano por ter exportado criminosos comuns retirados das prisões diretamente aos Estados Unidos da América (GOTT, 2006).

Essa política evidentemente contribuiu para a marginalização de todos os que saíram pelo porto de *Mariel*. Contudo, o governo norte-americano não teve outra opção senão receber os exilados e suportar o escárnio e a ironia tanto da imprensa cubana como da oposição interna republicana em meio à campanha eleitoral para a presidência do país. Esta última acusava Jimmy Carter de ter sido o primeiro Presidente norte-americano a procurar dialogar com Fidel Castro desde o acirramento das relações entre os dois países em 1960. Como vemos na charge que se segue, o humor está a serviço da oposição “eles” e “nós”. René de la Nuez utiliza a eficácia do

humor e do riso como equipamentos retóricos para mostrar, de um lado, o miliciano avisando ao Presidente Carter que agora que estava com a faca na garganta tinha que ir “até o fundo”, e de outro lado, a figura de Jimmy Carter, vestido com uma capa de super-homem rasgada, com um penico na cabeça e uma faca para se autoflagelar, avistando os barquinhos do *Mariel* chegando à Flórida.



Ilustração 04- Extraída da revista *Revolución y Cultura*, La Habana, No.95, Julio de 1980, p.60.

Durante a maior parte da campanha eleitoral norte-americana, Jimmy Carter viu-se em meio a uma crise internacional<sup>10</sup>. A charge de Tico na revista *Bohemia* ilustra esse fato ironizando a chegada dos dissidentes cubanos. Na charge, aparece o Presidente Carter pedindo para não fazer ondas, senão ele se afoga, e além dos barquinhos, vários penicos aparecem dirigidos por vermes. Uma clara alusão da possível derrota de Carter devido à sua intervenção no êxodo do *Mariel*.

---

<sup>10</sup> Interessante assinalar que a obra de GONZALEZ GÓMEZ (2003) faz referência aos conflitos internacionais entre EUA e a ex-União Soviética e seus desdobramentos nas relações entre Cuba e os Estados Unidos, nos dois últimos anos do mandato de Carter, mas o autor não faz sequer menção ao episódio *Mariel*.



Ilustração 05 - Extraída da revista *Bohemia*, La Habana, año 72, No. 18, 02 de maio de 1980, p.60.

Tal como afirma Mesa-Lago (1994), o governo cubano surpreendeu todos, já que a inteligência norte-americana não esperava que em menos de 159 dias aproximadamente 125 mil cubanos desembarcassem nas costas da Flórida. No dia 25 de setembro de 1980, o governo cubano suspendeu a saída pelo porto de *Mariel* e, em novembro, o Presidente norte-americano Jimmy Carter foi derrotado por Ronald Reagan, como já se previa desde a crise do *Mariel*.

### **A representação dos marielitos nas charges e textos nas revistas *Bohemia* e *Revolución y Cultura***

Com a abertura do porto de *Mariel*, o governo cubano conseguiu afastar a crise política internacional por algum tempo. Entretanto, restava contornar os efeitos internos, visíveis desde a invasão da Embaixada do Peru. Fidel Castro passou a definir a emigração massiva de 1980, na rede estatal de TV, em revistas e jornais, como resultado direto da complexa e conturbada relação entre Cuba e os Estados Unidos da América<sup>11</sup>. Esse fato está bem explicitado no artigo de Fidel Castro, publicado na revista *Bohemia*, quando culpa o imperialismo norte-americano e o embargo econômico imposto por aquele país pelas distorções sociais e econômicas em Cuba, e também pela identificação do lumpem com a emigração:

---

<sup>11</sup> O acontecimento Mariel foi o maior confronto político entre os dois países após a Crise dos Mísseis em 1962.

El bloqueo imperialista en Cuba genera lumpen y, por tanto, emigración. La hostilidad sistemática y sostenida de Estados Unidos contra Cuba dificultando nuestro desarrollo económico y social genera lumpen y por tanto emigración. La política de terror imperialista contra Cuba genera terror, dificultades, lumpen y por tanto emigración. La explotación de Cuba durante casi 60 años por los monopolios imperialistas generó pobreza y subdesarrollo y por tanto, lumpen y emigración. La política contrarrevolucionaria yanqui contra Cuba estimula al lumpen y por tanto su emigración a Estados Unidos (CASTRO, 1980, p.48-49).

Como se percebe, o governo cubano não admitia, nem admite ainda hoje, que a emigração de 1980 fosse caracterizada como política e, muito menos, que os seus protagonistas representassem uma dissidência política dessa natureza. Para o líder cubano, Fidel Castro, a emigração devia ser situada, exclusivamente, no plano econômico e como efeito direto e simples do bloqueio e do imperialismo dos Estados Unidos da América no continente.

O discurso oficial também procurou depreciar social, moral e mesmo intelectualmente os que emigravam, e enquadrá-los na categoria emigrado/lumpen, definindo-os como a escória da sociedade cubana. A esse respeito, Fidel Castro, em um editorial da revista *Bohemia*, fez uma analogia entre a vida social e as funções biológicas do corpo humano:

De modo que no hay que preocuparse de que perdamos un poco de partes blandas. Nos quedamos con los músculos y con el hueso del pueblo. Con eso nos quedamos, con las partes duras. Son las partes duras de un pueblo las que son capaces de cualquier cosa. Y esas partes duras, que son muchas hay que respetarlas, porque tienen una fuerza impresionante, como se demostró en las batallas de masas de abril y de mayo. Nos quedamos sólo con el cerebro y con el corazón y los pies bien puestos sobre la tierra. Con las partes blandas cirugía plástica. Antes nos llevaban médicos, ingenieros, profesores, personal muy calificado. Ahora les tocó llevarse el lumpen. Esa es la realidad, a esos es que les han llenado la cabeza de ilusiones (CASTRO, 11/7/1980, p.3).

Fidel Castro, nesse artigo, defende a depuração na ilha. O critério de valores é estabelecido: antes o imperialismo norte-americano levava os melhores profissionais da ilha. Após a Revolução Cubana de 1959, os únicos que ainda se iludiam pelo “sonho americano” eram pessoas desqualificadas, sem profissão, que se deixavam enganar pelas propostas de riqueza da nação capitalista do norte. E, por isso, não representavam uma perda para o país.

Dessa forma, o que estava em curso na ilha não seria uma dissidência política, e sim uma “cirurgia plástica” que extirpava os que não tinham “consciência revolucionária” ou função social. Nesse sentido, o líder revolucionário se posicionou

para lançar o estigma de um grupo “estabelecido”, representado no discurso como “partes duras” sobre outro, os *outsiders*, representados como as “partes moles”. Essa operação foi assim tratada por Norbert Elias & Scotson (2000, p.22-23):

O grupo estabelecido tende a atribuir ao conjunto do grupo outsider as características “ruins” de sua porção “pior” – de sua minoria anômica. Em contraste, a autoimagem do grupo estabelecido tende a se modelar em seu setor exemplar, mais “nômico” ou normativo – na melhoria de seus “melhores” membros. Essa distorção *pars pro toto*, em direções opostas, faculta ao grupo estabelecido provar suas afirmações a si mesmo e aos outros; há sempre algum fato para provar que o próprio grupo é “bom” e o outro é “ruim”.

Entretanto, Castro (1980) conclui o artigo com uma espécie de manifesto contra os que se deixavam encher a cabeça de ilusões. Embora o discurso seja político e, portanto, direcionado a um objetivo específico, devemos reconhecer que o líder cubano acabou diferenciando a emigração de 1980 ao tentar desqualificar esses sujeitos sociais.

Dessa forma, a explicação econômica generalizante que fundamentou os editoriais, os artigos e os discursos do líder cubano, Fidel Castro, para explicar o *Mariel* teve como propósito mostrar como os habitantes de um país pobre são seduzidos pelos sonhos de prosperidade propagados por um país rico. Ora, quem poderia ser mais seduzido pelas ilusões de enriquecimento do que as camadas menos favorecidas de uma sociedade? Não é evidente que alguém muito bem posicionado numa sociedade esteja mais satisfeito do que um desempregado, por exemplo? Não seria um dever do Estado socialista estancar o crescimento do lumpem, essa camada alienada? Pelas estatísticas, os emigrados eram, em sua maioria, jovens que haviam crescido e se formado após 1959. Também não seria responsabilidade do governo cubano o surgimento desses milhares de antissociais? E a permanência do lumpem não era responsabilidade da revolução?

A imprensa cubana também representou o êxodo do *Mariel* como uma questão de limpeza; as charges evidenciam como foi caracterizada a rota Mariel-Cayo Hueso. Inclusive, na própria revista *Bohemia*, no editorial intitulado *Noticias de Mariel*, há um pequeno aviso convocando para um concurso de charges: “La Asamblea Provincial del Poder Popular de la Habana, en coordinación con la UNEAC y la UPEC, convoca a un concurso de caricatura para la creación de un personaje que identifique y simbolice la aspiración de una ciudad limpia, bella e higienizada” (NOTICIAS de Mariel, 6 de junio de 1980, p.49). A ideia de higienização mostra

como foram tratados em Cuba os chamados, posteriormente, marielitos. Dessa forma, Elias & Scotson (2000, p.29) apontam:

Os grupos estabelecidos que dispõem de uma grande margem de poder tendem a vivenciar seus grupos *outsiders* não apenas como desordeiros que desrespeitam as leis e as normas (as leis e normas dos estabelecidos), mas também como não sendo particularmente limpos.

Assim, o caricaturista René de la Nuez, criador da frase “la noria de la escoria” (UN ARMA poderosa, *Revolución y Cultura*, p.58-59), representou na charge que se segue a nória, espécie de canal utilizado para escoar a sujeira. Nesta tira, De la Nuez utiliza-se da sátira para criticar a política de Carter com relação ao *Mariel*. Nela aparecem novamente os dois lados, a figura do miliciano representando “o povo de Cuba”, apontando o “escoriaduto” em direção à Florida, onde aparecem as figuras dos “imperialistas ou pró-imperialistas”. Na tira, aparece, também, Carter “embarazado<sup>12</sup>” do *Mariel*; posteriormente, o miliciano mostra que Carter está derrotado e preso entre o *Mariel* e a parede e, finalmente, a tira conclui com o mesmo miliciano arrancando pela raiz uma erva daninha.



Ilustração 06 - Extraída da revista *Revolución y Cultura*, n. 95/80- julio, 1980, p.60.

<sup>12</sup> Grávido.



O governo cubano mostrou-se preocupado com a repercussão que os acontecimentos da Embaixada do Peru poderiam causar na opinião pública internacional. Decidiu então mobilizar o país, por meio dos Comitês de Defesa da Revolução (CDR), que passaram a organizar, em cada quarteirão da ilha, as chamadas *Marchas del Pueblo Combatiente*. Assim, durante os meses de abril e maio de 1980, como foi divulgado pela imprensa cubana, uma grande parte da população apoiou as medidas do governo cubano com cartazes e discursos que enfatizavam o seu desprezo pela escória.

Com as *Marchas del Pueblo Combatiente* começou a acontecer uma verdadeira estigmatização de parte da sociedade cubana, a chamada “escória”, mas não se pode ver tais manifestações como um simples caso de preconceito. Segundo Elias & Scotson (2000, p.23), só é possível a estigmatização social causar efeito se houver um desequilíbrio nas relações de poder. Os autores alertam: “Um grupo só pode estigmatizar outro com eficácia quando está bem instalado em posições de poder das quais o grupo estigmatizado é excluído”.

A imprensa cubana deu cobertura completa aos episódios do *Mariel*. Fidel Castro escrevia mensagens cotidianamente, as quais eram publicadas nos jornais *Granma* e *Juventud Rebelde* e na revista *Bohemia*. Num dos editoriais desta revista, Fidel Castro afirmou a necessidade de o povo de Cuba defender a sua pátria e saudou as manifestações nas praças:

Yo diría que esta es una batalla que se ha librado hoy en defensa de la integridad de nuestra patria. La sola presencia de ustedes, en esta plaza es una batalla, y una importante batalla en defensa de la integridad y la seguridad de Cuba porque lo peligroso es que el enemigo se confunda, lo peligroso es que el enemigo se engañe (Castro, 23/5/1980, p.3).

Em Cuba, as *Marchas del Pueblo Combatiente* serviram para mostrar uma autoimagem coesa dos “revolucionários” ou do “povo” que saíram às ruas a defender a pátria contra os “inimigos” da revolução. Na próxima charge, o miliciano aparece em pé acima do crocodilo (a ilha é simbolizada, pela sua forma, com uma espécie de crocodilo), ambos permanecem em alerta para derrocar a figura da águia (símbolo do imperialismo norte-americano), o miliciano ainda fala que é a resposta da “marcha combatiente”.



Ilustração 07- Extraída da revista Bohemia, año 72, No.18, 02 de maio de 1980, p.9.

Desse modo, podemos afirmar que as marchas expressavam a unidade, a coesão dos “estabelecidos” frente ao outro grupo. Assim, a imprensa cubana, nos meses de abril, maio e junho de 1980, descreveu e narrou os desdobramentos dos acontecimentos da Embaixada do Peru e reforçou o poder “*del pueblo que está con Fidel y la revolución*”, e, com um tom apologético e festivo, celebrou os protagonistas das marchas. Dessa forma, Fuentes afirma:

El gracejo y la imaginación criolla encuentran amplio campo para manifestarse en las consignas y pancartas. Los letreros y sus ilustraciones, unas veces artísticamente dibujados y otras en trazos irregulares sobre un cartón cualquiera parecen danzar en el aire. El buen humor nacional juega con las rimas y asonancias (Fuentes, Bohemia, 25/4/1980, p.49).

É importante assinalar que esse nível de coesão demonstrado nas *Marchas del Pueblo Combatiente* só era possível graças ao controle social que exerciam os Comitês de Defesa da Revolução (CDR).

Com efeito, os que conseguiam a permissão de sair pelo porto de *Maríel* eram considerados socialmente desqualificados como, por exemplo, homossexuais, delinquentes, doentes mentais, prostitutas, alcoviteiros, entre outras categorias consideradas negativas pela sociedade cubana. Dessa forma, oficialmente, a saída estava necessariamente condicionada a um comportamento desviante. As autoridades cubanas referiam-se a essas pessoas como escória, antissociais, lúmpen, etc. O

discurso oficial foi incorporado pela imprensa cubana, que variava a terminologia, mas não o conteúdo (Ilustração 08):



Ilustração 08 - Extraída da revista *Bohemia*, año 72, n. 25, 20/6/1980, p.78.

Na charge de Tico publicada na revista *Bohemia*, o Presidente dos Estados Unidos da América, Jimmy Carter, num evento de sua campanha pela reeleição, dança com uma ratazana num palco chamado “Escoria Dancing”. O enunciado irônico da charge mostra Jimmy Carter lamentando-se porque lhe havia restado dançar com a mais feia, o que remetia ao discurso de Fidel Castro: antes, as ilusões norte-americanas levavam ao exílio os melhores profissionais de Cuba, contudo, agora, somente restava a ele “dançar” com as mais feias, com a escória da sociedade cubana. A ratazana tem estampado no traseiro o *slogan* “vote Carter”. Como representação da dissidência cubana que saiu pelo *Mariel*, a ratazana está relacionada à sujeira dos esgotos, à náusea. Eram os ratos que agora saíam em direção à Flórida.

Na charge seguinte, também de Tico, publicada na revista *Bohemia*, a personagem central é um marielito usando uma camiseta com o título de lúmpen, representação do marginal (ladrão, rato, verme, escória), que desembarca na Flórida e carrega ostensivamente um pé-de-cabra (instrumento clássico de trabalho dos arrombadores), podemos observar, acima da cabeça do marielito, um urubu como símbolo de “mau augúrio”. Para finalizar a caracterização do marginal, o chargista

utiliza como recurso a expressão referente aos discursos que circulam no cotidiano dos marginais, “¿que onda monina...?”, com o sentido de desqualificar e ridicularizar os que saíram pelo porto do *Mariel*. Também analisando alguns outros detalhes da charge podemos observar a chegada de vermes, ratos e, num segundo barquinho, pela roupa, uma alusão direta aos presos comuns que saíram pelo mesmo porto. Do outro lado, vemos a figura do Presidente Jimmy Carter recepcionando os dissidentes na Flórida. Percebe-se, novamente, o chargista jogando com o enunciado irônico, já que o Presidente está fazendo o símbolo da paz, contradizendo a expressão facial que evidencia o que está realmente pensando sobre os novos dissidentes.



Ilustração 09 – Extraída da revista Bohemia, La Habana, año 72, n.18, 2 de maio de 1980, p.70.

Como podemos apreciar nas charges, elas evidenciam um processo de estigmatização dos dissidentes cubanos que pretendiam sair pelo *Mariel*. Assim, o estigma só se torna depreciativo em determinados contextos e redes de relações sociais. As considerações de Goffman (1988), bem como as já mencionadas considerações de Elias & Scotson (2000), ajudam a explicar o fenômeno *Mariel*, que foi oficialmente descrito como um êxodo de indivíduos moralmente desqualificados e, conseqüentemente, inabilitados para uma aceitação social plena.

A sociedade estabelece os meios de categorizar as pessoas e o total de atributos considerados como comuns e naturais para os membros de cada uma dessas categorias: os ambientes sociais estabelecem as categorias de

peças que têm probabilidade de ser nelas encontradas. [...] Acreditamos que alguém com estigma não seja completamente humano. Com base nisso, fazemos vários tipos de discriminações, através das quais efetivamente, e muitas vezes sem pensar, reduzimos suas chances de vida (GOFFMAN 1988, p.11-15).

Além das notícias nas revistas e nos jornais cubanos, o noticiário do Instituto Cubano de Arte e Indústria Cinematográfica (ICAIC), dirigido por Santiago Alvarez, gravou várias cenas dos acontecimentos na Embaixada do Peru em Havana. Imagens desses noticiários, comentadas por Valper na revista *Bohemia*, são indícios do processo de construção do estigma dos marielitos, mostrados como se fossem animais selvagens:

Ante nuestros ojos desfilan, a ritmo de 24 x segundo, rostros patibularios, “guaposos”<sup>13</sup>, afeminados, crápulas de todo tipo. Vemos también como impera allí la ley del más fuerte: las patadas a sus iguales de un lumpen por hacerse de una ración de comida [...] (Valper, 16/5/1980, p.26).

Dessa forma, os marielitos foram vistos como inumanos, o que vem confirmar os estudos de Elias & Scotson (2000, p.29), quando afirma que os grupos *outsiders* são “comumente representados como sujos e quase inumanos”. Por sua vez, as revistas *Bohemia e Revolución y Cultura*, analisadas aqui, utilizaram palavras e imagens com o intuito de inferiorizar aqueles que saíram pelo porto do *Mariel*.

Por último, a análise das charges e suas relações com os textos nas revistas *Bohemia e Revolución y Cultura* nos permitiram buscar outras perspectivas de leitura e reflexão sobre o *Mariel*, assim como demonstrar de que forma a imprensa cubana, em 1980, estigmatizou e desqualificou os chamados marielitos. Também, a proposta deste artigo foi mostrar como a charge é uma forma de evidência histórica que permite visualizar tensões, confrontos ideológicos, estigmatizações e representações de um cotidiano, a exemplo do cubano, marcado pela censura.

## **BIBLIOGRAFIA**

CASTRO, F. Editorial, revista *Bohemia*, año 72, n. 28, 11 de julio de 1980, p. 3.

----- Editorial, revista *Bohemia*, año 72, 23 de maio de 1980, p. 3.

---

<sup>13</sup> *Guaposo*, na fala popular cubana, significa marginal.

------. Cuando la política de un Estado poderoso carece de principios y sus gobiernos carecen de moral. Revista *Bohemia*, año 72, n. 17, 25 de abril de 1980, p. 48-49.

CHARTIER, R. *A história cultural: entre práticas e representações*. Rio de Janeiro: Editora Bertrand Brasil, 1990.

DOMINGUEZ, Jorge I. Cuba 1959-1990. In: BETHEL, L., ed. *História de América Latina, México y el Caribe desde 1930*. Barcelona: Editorial Critica Grijalbo Mondadori, tomo 13, p. 145-227, 1998.

ELIAS, Norbert; SCOTSON, John L. *Os estabelecidos e os outsiders: sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2000.

ENTREVISTA DE Napoleón Vilaboa a Edgardo Menéndez, publicada no jornal cubano-americano *Réplica* (21/5/1980). Disponível em: <http://www.latinamericanstudies.org/dialogue/vilaboa-5-21-80.pdf>.

FUENTES, Fulvio. Marcha de la combatividad. Revista *Bohemia*, 25/4/1980, p. 48-50.

FURIATI, C. *Fidel Castro – uma biografia consentida*. Tomo II. Do subversivo ao estadista. Rio de Janeiro, editora Revan, 2001.

GOFFMAN, E. *Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada*. Rio de Janeiro: Editora LTC, 1988.

GONZALEZ GÓMEZ, R. *Estados Unidos: doctrinas de la Guerra Fria 1947-1991*. La Habana, Centro de Estudios Martianos, 2003.

GOTT, Richard. *Cuba, uma nova história*. Rio de Janeiro: Zahar ed., 2006.

LA POSICIÓN de Cuba, revista *Bohemia*, La Habana, 11 de abril de 1980, p. 51-52.

LARZELERE, A. *Castro's ploy – America's dilemma: the 1980 Cuban boatlift*. Washington, National Defense University Press, 1988.

MARQUES, R. *A condição Mariel: memórias subterrâneas da experiência revolucionária cubana (1959-1990)*. Brasília: UnB, 2009. Tese de doutorado (mimeo).

MELO, José Marques de. *Jornalismo opinativo: gêneros opinativos no jornalismo brasileiro*. São Paulo: Mantiqueira, 2003.

MESA-LAGO, C. *Breve historia económica de la Cuba socialista: política, resultados y perspectivas*. Madrid: Alianza Editorial, 1994.

NEY, João Elias. *Charge e caricatura na construção de imagens públicas*. Tese (Doutorado em Comunicação e Semiótica) Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 1998.

NOTICIAS del Mariel. Revista *Bohemia*, La Habana, año 72, n. 17, 25 abr., p. 45, 1980.

PÉREZ-STABLE, M. *La revolución cubana: orígenes, desarrollo y legado*. Madrid: editorial Colibri, 1993.

¿Que Carazo se trae Carazo? Revista *Bohemia*, La Habana, 16 de maio de 1980, p. 48-49.

RESPALDO mundial a Cuba, revista *Bohemia*, La Habana, 18 de abril de 1980, p. 70.

A TRAVÉS DEL Mundo, revista *Bohemia*, La Habana, 2 de maio de 1980, p. 56.

ORLANDI, Eni Puccinelli. *Interpretação; autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2001.

Un arma poderosa, revista *Revolución y Cultura*, La Habana, No. 95, julio de 1980, p. 58-63.

VALPER, E. “El noticiero de la embajada”, revista *Bohemia*, La Habana, Año 72, n. 20, 16/5/1980, p. 26.